

Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz



ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE
JOAQUIM VENÂNCIO

Greice Kelly de Souza da Silva

GÊNERO E FEMINISMO: UM ESTUDO BIBLIOGRÁFICO

**Rio de Janeiro
2017**

Greice Kelly de Souza da Silva

GÊNERO E FEMINISMO: UM ESTUDO BIBLIOGRÁFICO

Projeto de monografia apresentado à Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio – Fundação Oswaldo Cruz (EPSJV-Fiocruz) como requisito parcial para aprovação no Curso Técnico em Gerência em Saúde.

Orientadora: Marise de Leão Ramôa

Rio de Janeiro

2017

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio / Fundação Oswaldo Cruz (EPSJV/Fiocruz) pelo apoio institucional.

Agradeço a minha orientadora, que foi muito importante e me ajudou bastante nesse processo. Foi uma pessoa que aceitou esse desafio comigo, sem ela teria ficado perdida. Muito obrigada.

Agradeço a minha família pelo apoio nesse trabalho.

Agradeço meus amigos, pois me apoiaram e escutaram quando precisei. Me incentivaram demais.

“... temos o direito a ser iguais quando a nossa diferença nos inferioriza; e temos o direito a ser diferentes quando a nossa igualdade nos descaracteriza. Daí a necessidade de uma igualdade que reconheça as diferenças e de uma diferença que não produza, alimente ou reproduza as desigualdades”.
(Boaventura de Souza Santos)

RESUMO

Em uma sociedade marcada pelas relações de gênero, mulheres e homens são convocados a viver emoções de modo distinto, além de diferenças sociais, tanto no sentido do trabalho, quanto em tarefas diárias.

O presente trabalho visa analisar o movimento do Feminismo desde o seu início histórico até a atualidade, por meio de revisão bibliográfica, a partir de descritores como gênero, feminismo e machismo, com o intuito de apontar as três "ondas" do Feminismo, no sentido de desenvolver uma análise crítica de tal fenômeno histórico e identificar se existe a presença de diferentes "ondas" convivendo no mesmo momento da História, pois isto significaria uma não ruptura paradigmática do Feminismo, no que se refere às primeiras ondas.

Palavras-chave: gênero; feminismo; machismo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	07
CAPÍTULO 1 - Gênero e Feminismo: um percurso histórico.....	09
CAPÍTULO 2 - O Machismo e o Feminismo.....	14
CAPÍTULO 3 - O Machismo e o Feminismo na atualidade.....	19
CONCLUSÃO.....	24
REFERÊNCIAS.....	26

INTRODUÇÃO

A relação entre machismo e feminismo é o objeto desse trabalho. A desigualdade de gênero, muitas vezes observada em situações de privilégios para homens e violências contra as mulheres, é estruturante das relações sociais. As distinções de gênero criam limites para ambos os sexos dentro da sociedade: um exemplo é a crença de que a mulher é feita para cuidar da casa (os afazeres domésticos), enquanto o homem seria mais qualificado para a rua (o mercado de trabalho) (DaMATTA, 1997). Dessa forma, trabalharemos sobre o enfoque das relações de gênero, pautadas em relações de poder. A concepção contemporânea de gênero se apresenta como “(...) relacional, ou seja, pertencente às relações sociais entre os sujeitos e um modo de significar as relações de poder”. (COSTA et al., 2012, p.222)

Repassadas de modo geracional, as relações de gênero podem ser notadas pela visão do homem como forte, viril e macho, emocionalmente controlado. Um exemplo dos limites socialmente impostos em relação a uma emoção como a tristeza e sua forma de manifestação com o choro, é como este é mal visto quando vivido pelo sexo masculino, já que “homem não chora” ou que “chorar é coisa de mariquinha”. A mulher, por outro lado, é posicionada como delicada e frágil, e tem o dever de demonstrar emoções; caso contrário, será julgada como emocionalmente fria. (FORMIGA, 2006).

Esta divisão rígida é produzida socialmente e marcada por uma lógica binária, onde só há duas opções, produzindo padrões por toda parte, amplamente estudados na Antropologia estrutural (LÈVI-STRAUSS, 2008). Nesse sistema, identificamos relações dualistas: bonito ou feio, certo ou errado, bom ou ruim, homem ou mulher. No caso das emoções, tudo que é posicionado como fora do normal estabelecido pelo sistema social é considerado estranho, autorizando e determinando intervenções com a intenção de normalização (FOUCAULT, 2002).

A desigualdade de gênero é estruturante das relações sociais. O tema vem ganhando visibilidade na sociedade brasileira. Os papéis sociais de homens e mulheres têm sido postos em debate, ora para serem reafirmados pela histórica lógica da dominação masculina (BOURDIEU, 2002), ora para serem questionados pelos ideais do movimento feminista (HARAWAY, 2000). A reificação do machismo, segundo alguns autores e algumas autoras, prejudica não apenas às mulheres, mas também aos homens (MEDRADO et al, 2010)

O presente trabalho apresenta-se como pesquisa qualitativa, com levantamento bibliográfico a partir dos seguintes descritores: Gênero; Feminismo; Machismo.

CAPÍTULO 1

Gênero e Feminismo: um percurso histórico

A partir do século XV o termo gênero começou a ser definido como sinônimo de sexo biológico dos indivíduos; ou a pessoa era do gênero feminino ou masculino. Segundo Bohan (1993 apud Stellmann, 2007) essa é uma abordagem essencialista, que não possui relação com contexto sócio-histórico e político. Ao definirmos as características de masculino e feminino, a partir de uma concepção essencialista, acabamos promovendo uma homogeneização, não respeitando as singularidades e, com isso, os indivíduos têm suas ações limitadas ao seu sexo biológico.

Até o século XVIII o sexo dos indivíduos seguia um modelo unissex, pois presumiam que homens e mulheres possuíam órgãos genitais iguais, mas no caso da mulher se localizava no interior do corpo. Com o biológico sendo considerado igual, o gênero acabou sendo definido pela condição social.

O modelo que surgiu no final século XVIII e que predomina até os dias atuais é o de dois sexos em oposição. Essa visão vem por meio do conhecimento da descoberta da anatomia e com isso as diferenças entre os sexos. Alguns pensadores afirmavam que as diferenças entre o homem e a mulher eram tanto física quanto moral. A historiadora Schiebinger (1987 apud Stellmann, 2007) aponta que o estudo anatômico sobre os esqueletos mostra diferença entre o homem e a mulher. Segundo os mesmos a mulher teria o crânio menor que o do homem e, conseqüentemente, uma menor capacidade intelectual.

Costa (1995 apud Stellmann, 2007) destaca que, com a teoria jurídica do jusnaturalismo todos os seres humanos eram iguais por natureza e por isso teriam os mesmos direitos jurídico-políticos. Porém, os homens brancos e metropolitanos dessa

época não queriam que as mulheres, negros e povos colonizados usufríssem dos mesmos direitos que eles, então buscavam na natureza desculpas para desigualdades.

A partir desse momento foram surgindo vários estudos nas ciências naturais que reafirmavam as diferenças entre homens e mulheres. Com isso, a ideia de dois sexos em oposição fortalecia-se e as desigualdades morais e políticas se estabeleciam.

A Teoria do Papel Social surgiu em 1930 e propõe que os indivíduos, mesmo inconscientemente, adotam um papel social e acabam se limitando a se comportar de acordo com as expectativas que são colocadas para esse papel, como um ator ou atriz. As regras e condutas dos papéis são aprendidas no cotidiano, por meio da socialização. Com o tempo acreditou-se que essas normas dos papéis sociais vinham de fatos sociais e que só mudando os processos sociais é que se transformaria a rigidez dos papéis sociais.

Connell (1995 apud Stellmann, 2007) destaca que grande parte dos teóricos sobre os papéis sociais defendia esse modelo, com a justificativa de que era necessária para a estabilidade social, saúde mental e o funcionamento das atividades sociais.

Na década de 1960 o movimento Estruturalista começa a se ampliar pelo mundo, afirmando que as pessoas têm seus comportamentos preconcebidos por várias estruturas. Essa concepção vai contra o pensamento radical de liberdade e escolha. Ao mesmo tempo, com as feministas procurando defender seus interesses, a mulher foi colocada como um sujeito político coletivo; esse movimento colocou a mulher como um novo objeto de estudo e estes eram voltados para a desnaturalização do lugar de subordinação ao qual estava submetida a mulher.

No início de 1970 ocorreu a segunda onda do feminismo, onde as feministas afirmavam que mesmo que defendesse a inclusão entre os sexos, mantinham-se preservadas suposições machistas. Maccoby e Jacklin (1974 apud Stellmann, 2007) por meio de um trabalho sobre estudo de gênero, mostraram que as crenças populares que existiam acerca da diferença entre o homem e a mulher atravessavam os estudos científicos e retiravam a imparcialidade científica.

Ortner (1979 apud Stellmann, 2007) afirmava que a diferença social do homem e da mulher se dava por causa da diferença de disposição genética entre eles. Surgiu a teoria de androginia, concepção que vai contra a ideia dos papéis de gênero serem adquiridos por meio do determinismo biológico e afirma que a padronização dos comportamentos começa na infância e com os adultos sendo vistos como o modelo a se seguir. Como os adultos acabam organizando seu mundo por meio do determinismo biológico, as crianças fazem o mesmo. Um teórico importante desse movimento foi Bem (1974, 1979, 1997 apud Stellmann, 2007), que colocava abertamente o pensamento de que a androginia deveria ser um ideal e afirmava que os papéis de gênero eram obtidos durante o desenvolvimento cognitivo das crianças (0 - 6 anos).

Ainda em 1970 se consolidou o debate da igualdade versus a diferença e as mulheres defendiam a igualdade com a diferença.

Teorias feministas afirmavam que gênero era algo construído socialmente e não algo biologicamente determinado. Surgiu o **Feminismo universalista**, que buscava dar para as mulheres os mesmos direitos que os homens; contudo, as mulheres acabaram por trabalhar em dupla jornada, tendo profissões menos remuneradas e tornou-se mais forte a pressão sexual para as mulheres. Isso fez com que surgisse outro movimento, que passou a defender a valorização da diferença. Houve o movimento do **Feminismo Diferencialista**, que possuía uma visão essencialista, que sustentava a ideia de que existia uma essência própria a cada sexo e que ela ajudaria a chegar à igualdade. As diferencialistas possuíam a ideologia ginocentrista e maternalista que colocava a mulher em posição superior ao homem. Mas, apesar dos esforços feministas, o homem ainda era visto como um ser superior.

Ao fim da segunda metade do século XX, a partir do Estruturalismo, começam a surgir movimentos que chamaram atenção. O Construtivismo foi uma abordagem valorizada no campo científico e partia da crença de que a realidade é algo inventado, logo, nunca é única. Tal movimento contribuiu para problematizar os estudos de gênero, por meio do questionamento da relação binária que há entre a natureza e cultura ao longo do tempo, como se não pode haver um meio termo em as duas. A partir de trabalhos etnográficos, cientistas sociais começaram a apontar as diferenças

de sexo e gênero nas variadas culturas existentes. Com o pensamento pós-estruturalista a identidade de gênero deixou de ser vista como uma questão biológica e se tornou uma construção social.

Podemos identificar no decorrer da História, três ondas importantes para o feminismo:

O **primeiro momento do feminismo** surge como um movimento liberal¹, onde as mulheres lutavam pelos direitos civis, políticos e educativos, pois só quem usufruía deles eram os homens. Um movimento que foi muito importante para as mulheres nesse período foi o Movimento das sufragistas. Elas queriam garantir o direito de intervenção por parte das mulheres nas políticas ativas e o direito ao voto. Essa primeira parte do movimento feminista objetivava lutar contra a discriminação que as mulheres sofriam e assegurar direitos (NARVAZ, 2006).

Em 1960 e 1970, surge a **segunda onda feminista** em especial nos EUA e na França. Nos Estados Unidos aconteceu o destaque à denúncia dirigida à opressão que as mulheres sofriam e as feministas lutavam pela igualdade de gênero; já na França buscou-se a valorização da mulher, a partir da diferença existente entre homens e mulheres (NARVAZ, 2006). No Brasil a segunda onda surgiu durante o regime militar e esta onda foi também uma resistência contra a ditadura militar em nosso país, como nos demais países latino-americanos. A ditadura contribuiu para reforçar a opressão patriarcal (MATOS, 2010)

As feministas francesas movidas pelos pensamentos pós-estruturalistas, começaram a apontar as questões de diferença, subjetividade e a distinção de experiências. Dessa forma, começa a **terceira onda feminista**, que seria o momento atual, esse momento defende a diferenças entre os sexos, mas também a diferença entre as mulheres, ou seja, a diferença dentro da diferença. Elas entre elas têm diferenças de cor, classe, localidade e religião. Nesse momento as feministas negras ganham certo destaque, elas realçam que as suas lutas não são iguais as das mulheres brancas (BEDIN, 2015).

¹Movimento liberal é entendido como associado ao Liberalismo clássico. As reivindicações das mulheres ainda partiam da defesa dos “direitos naturais”, como a liberdade do indivíduo.

CAPÍTULO 2

O Machismo e o Feminismo

Scott (1994) coloca que o saber é o entendimento sobre as relações humanas que há em cada cultura ou sociedade e o gênero é o saber que há acerca das diferenças sexuais, que pode mudar de acordo com a sociedade.

A diferenciação sexual que existe é desenvolvida por meio do conhecimento do corpo, que está imerso em diversas relações e significados. Gênero seria, nesse sentido, uma construção social e política feita sobre a diferença anatômica do corpo feminino e masculino.

Pierre Bourdieu (2000 apud Francisco, 2014) aponta que há em diversas sociedades a naturalização de comportamentos considerados antes intolerável, um exemplo é a dominação masculina:

Sempre vi na dominação masculina, e no modo como ela é imposta e vivenciada, o exemplo por excelência desta submissão paradoxal, resultante daquilo que eu chamo de violência simbólica, violência suave insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento mais precisamente do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento. (BOURDIEU, 2000)

Bourdieu aponta nesse fragmento que o machismo pode se manifestar de maneira silenciosa, o que faz com que as pessoas que sofrem por ele, tenham, muitas vezes, dificuldade de percebê-lo. Isso ocorre porque o machismo acaba entrando na cultura, fazendo com que haja a reprodução de uma geração para outra e se transformando em algo considerado natural. Esse desconhecimento ajuda a continuar essa prática, pois quando uma pessoa não consegue perceber que está sendo atacada de forma simbólica, ela também não pode lutar contra tal violência. Mesmo a dominação sendo uma violência exercida pelo corpo sem coação física, ela tem o poder de causar danos morais e psicológicos nas vítimas.

Bourdieu (2000 apud Francisco, 2014) traz a visão de que o homem também tem que seguir certas posturas perante a sociedade. Ele aponta que enquanto as mulheres têm sido ignoradas ou negadas socialmente, o homem acaba tendo que seguir regras de como deve se comportar, ou seja, se torna vítima do mesmo sistema que tende a privilegiá-lo. É esperado de o homem ser viril, forte, não "abaixar a cabeça", ter certo controle emocional e maior ligação com a vida pública, do que com a vida privada. Essas características associadas ao sexo masculino são produto de uma construção social, pois os meninos são ensinados desde pequenos como agir. Por exemplo, não é um costume nas famílias ensinar os meninos a terem muito contato com a cozinha, e quando se machucam, fala-se, logo, que menino não chora. Culturalmente, associa-se, dessa forma, uma postura ativa ao masculino e uma postura passiva ao feminino. Reforça-se, dessa maneira, a ideia de uma submissão feminina como algo próprio da mulher, trazendo uma imagem inferiorizada para a mesma.

Castañeda (2006 apud Francisco, 2014) aponta que o machismo não está somente na violência física sofrida em casa; ele se mostra também em ações como o olhar, brincadeiras e piadas que são colocadas como naturais, que vêm para inferiorizar a mulher. O machismo também se encontra nos pequenos detalhes, como em comportamentos que já foram naturalizados. O primeiro exemplo que Silva (2017) apresenta refere-se a forma como se associa a mulher à emoção e que tal característica é utilizada para tentar fazer a mulher passar por louca ou incapaz para ela própria e para todos ao seu redor, falando que ela está exagerando em alguma situação, isso para fazer com que ela seja desacreditada. O segundo exemplo está no desmerecimento do conhecimento feminino, é o fato de tratar a mulher como inferior intelectualmente (Silva, 2017). É defendido que o machismo não é algo que nasça com o ser humano, sendo assim, é a sociedade que ensina esse modo de se estabelecer relações. A partir da diversidade cultural no mundo, é criado um ideal próprio de masculinidade.

António Damásio (Damásio, 2012) defende a ideia de que há emoções primárias e que essas são inatas a todos os seres humanos, elas são a alegria, tristeza, medo, raiva, surpresa e nojo, mas a forma de vivenciar as emoções não é totalmente igual entre os sexos. Algumas vezes elas são ensinadas de forma diferente para o

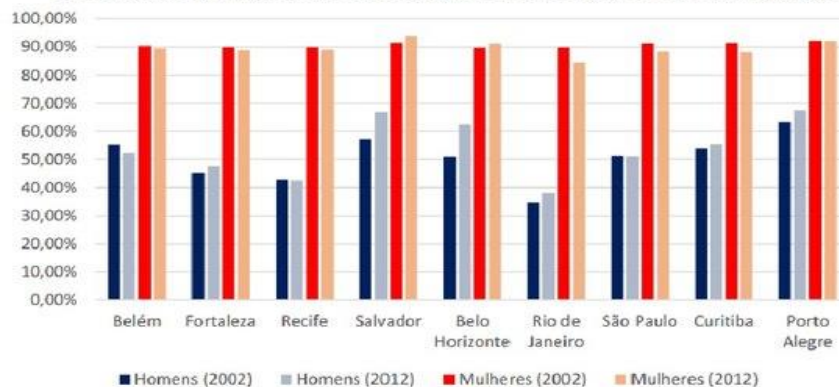
homem e a mulher quando são ainda crianças, como por exemplo ao homem é ensinado a não chorar, ou seja, para não demonstrar sinal de fraqueza, pois o homem é colocado como forte e racional. Já para às mulheres é dada uma maior liberdade emocional, que pode futuramente ser usada contra ela, colocando-a como muito emocional. Produz-se socialmente a ideia de que existem emoções mais próprias para o sexo masculino e outras para o feminino, quando na verdade não é assim, por exemplo o homem pode sentir e expressar a raiva normalmente, já a mulher pode acabar sendo vista como dramática.

A agressividade vem sendo atribuída, no decorrer da história, ao sexo masculino como se fosse algo de caráter biológico. Esse termo é frequentemente usado para se referir a raiva, ambição, competição, crime e guerra. Castañeda (2006 apud Francisco, 2014) defende que não é algo biológico, e sim, social, pois os homens foram e são forçados a ir para guerras por meio de doutrinação e ameaças. Estes não participaram de guerras por causa de uma natureza inata, mas tal participação está relacionada a fatores históricos e políticos, ou seja, os homens foram colocados em situações em que tinham que usar da agressividade e violência.

Alguns pais e mães, mesmo inconscientemente, passam para os filhos/as comportamentos machistas, que foram ensinados a eles por seus pais e mães. No momento de organizar a casa é mais comum dar mais tarefas às meninas que aos meninos; quando a menina começa a cozinhar tem gente que "brinca" que ela já está pronta para casar. Existe também o fato das meninas serem motivadas a cuidar da boneca e brincar de comidinha (cozinhar), enquanto os meninos brincam de soldadinhos ou com carrinho.

A criação influencia na vida adulta dos indivíduos e em um país onde predomina uma cultura machista, desde a infância as crianças são diferenciadas pelo seu sexo. Uma pesquisa realizada pelo IBGE, em 2002 e 2012, mostra que nas regiões Metropolitanas do Brasil a taxa de mulheres que declaram ter realizado afazeres domésticos na semana da pesquisa foi maior que dos homens com idades de 16 a 59 anos.

Gráfico 13 - Proporção das pessoas de 16 a 59 anos que declararam ter realizado afazeres domésticos na semana de referência, por sexo. Regiões Metropolitanas, 2002-2012.



Fonte: IBGE, PNAD 2002 e 2012. Elaboração Própria.

Essa pesquisa pode, dessa forma, comprovar uma divisão social tradicional, pautada no machismo e no modelo patriarcal, sendo o espaço público colocado como um ambiente para os homens e o privado como ambiente para as mulheres. E para a mulher estar no "ambiente masculino", faz-se necessário aceitar certas regras de vestimentas e horários. As atividades atribuídas ao sexo feminino, a partir da lógica do machismo, são sustentadas a partir de definições da Genética (Francisco, 2014).

Tanto o homem quando a mulher tem que seguir normas que são colocadas a eles. As mulheres têm que se comportar de forma educada, submissa, emotiva e frágil (ou dependente), já os homens têm como supostas características a virilidade, força, independência. Ambos os sexos são obrigados a afirmar essas características, ou seja, por mais que as mulheres sejam as maiores vítimas do machismo, os homens também têm padrões a serem seguidos que lhes são atribuídos (Francisco, 2014). Um exemplo é que no caso dele ser um adulto dependente de alguém, pode acabar sendo visto como aproveitador "vagabundo" e/ou preguiçoso; ou seja, é um sistema que privilegia os homens, mas para isso eles também têm que seguir regras.

Percebemos, na atualidade, diversas formas de se vivenciar a sexualidade feminina, mas ainda existe certa tendência a se pensar o ato sexual como algo especial com sentimentos e intimidade, para as mulheres e como pura satisfação ou prova de masculinidade, para os homens. O orgasmo feminino pode ser visto como o resultado da capacidade do homem em ser competente sexualmente e, por isso, para deixar o

homem satisfeito algumas mulheres fingem o orgasmo; ou, ainda, o ato sexual pode ser voltado somente para a satisfação do homem. (Francisco, 2014)

CAPÍTULO 3

O Machismo e o Feminismo na atualidade

Por meio de frases, piadas e ditados populares o machismo se perpetua o machismo na sociedade. Muitas palavras de tanto serem ditas e ouvidas foram colocadas como algo sem importância e efeito, sendo que elas têm impactos negativos na vida das mulheres. Apresentamos aqui exemplos de falas machistas como recortes do machismo na atualidade.

"Mulher que vai para cama no primeiro encontro não serve para casar"

O interessante dessa frase é que aponta só para mulher, o homem pode ter relações sexuais quando e quantas vezes ele quiser consensualmente. Já a mulher tem que seguir regras para não ser julgada e mal falada; esse julgamento pode vir até do homem com o qual a mulher fez sexo. O certo seria ambos os sexos terem a liberdade de fazer o que quiserem sem serem julgados, porém o que acontece em uma situação assim é o homem sair como "pegador" e a mulher como "fácil". As questões são: se ambos querem, por que só a mulher tem que "se controlar" e ela "não serve para casar"? Quem disse que ela quer se casar, por que isso não pode ser visto como um momento de diversão, de dar e receber prazer?

É ensinado, de forma geral às meninas, que sexo deve ser realizado só depois de casada, enquanto aos meninos é dito, também de forma mais generalizada, que devem "pegar" as meninas, cada um acaba tendo ensinamentos bem diferentes do outro.

"Fulana é Puta"

"Mulher tem que se dar ao respeito"

pu·ta

(origem controversa)

substantivo feminino

1. [Tabuísmo] Mulher que se prostitui. = MERETRIZ, PROSTITUTA, RAMEIRA

2. [Tabuísmo, depreciativo] **Mulher que tem relações sexuais com muitos homens.**

"puta"(Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2008-2013).

pu·to

(latim *putus*, *-i*, menino, rapazinho)

substantivo masculino

1. [Portugal, Informal] **Criança ou jovem do sexo masculino. = GAROTO, MENINO, MIÚDO, RAPAZ**

2. [Portugal, Informal] **Filho.**

3. [Brasil, Informal, depreciativo] **Homem homossexual.**

4. [Brasil, Informal] **Homem libertino ou devasso. = SACANA**

5. [Brasil, Informal] **Homem velhaco. = SACANA**

6. [Brasil, Informal] **Dinheiro, tostão, vintém (ex.: *não pode ir de férias, porque não tem um puto*).**

pronomes indefinidos

7. [Portugal, Informal] **Coisa nenhuma (ex.: *não percebi puto*). = NADA**

adjetivo masculino

8. [Informal] **Muito zangado (ex.: *estou puto da vida*). = FULO, FURIOSO**

"Puto"(Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2008-2013).

A palavra puta que é usada para a mulher com a função de desmerecê-la, apresenta distinção de significado no sentido feminino e masculino da palavra. Só o significado feminino apresenta um sentido depreciativo. Puta é uma palavra cuja atribuição é a de desvalorizar a mulher, enquanto puto é até um elogio dado ao homem.

A segunda frase fala que "a mulher tem que se dar ao respeito", só que o respeito não é algo a ser conquistado pelas mulheres, mas algo que todas as pessoas merecem. Um detalhe é que essa frase é usada só para as mulheres e quando as mesmas não estão seguindo certas regras que são impostas a elas. Então os homens merecem o respeito e as mulheres têm que conquistá-lo, por exemplo não sendo putas, ou seja, não agindo como alguns homens.

"Vestido curto demais. Tá pedindo..."

Enquanto o homem tem a liberdade de vestimenta, a mulher tem que escutar da sociedade como ela deveria se vestir. E quando acontece um estupro, muitas vezes relaciona-se o mesmo ao tipo de roupa que a mulher estava usando para saber julgá-la como inocente ou culpada. Isso leva a uma inversão da vítima como culpada por ter sofrido esse tipo de abuso sexual. Além do sofrimento psicológico e físico da vítima, ela pode acabar escutando da sociedade que ela também teve parte da culpa.

O estupro é tanto um crime como, por exemplo, um assassinato, a diferença é a forma de se lidar com ele. No caso do estupro a vítima pode acabar sendo colocada como culpada e até menos desacreditada pelas pessoas em geral. As mulheres por medo, por não quererem falar sobre o que aconteceu, já não costumam denunciar a violência sofrida e as que vão denunciar muitas vezes não são levadas a sério. Isso faz com que os agressores fiquem soltos e assim se perpetua uma cultura de violência contra as mulheres.

Algo importante a ser mencionado: o agressor não escolhe a vítima por sua roupa, ou seja, não existe um modo da mulher se vestir para não ser violentada. E não são todas as vezes que o agressor é alguém desconhecido. Pelo contrário. Na maioria das vezes é alguém conhecido, como o pai, padrasto, tio, marido, etc. Na Bélgica foi criada uma exposição que traz roupas de mulheres no dia em que foram estupradas, isso para acabar com o mito de que certas roupas fazem com que as mulheres tenham mais chances de sofrerem esse tipo de agressão.

"O que você percebe imediatamente quando vem aqui: todas as peças são completamente normais, roupas que qualquer um usaria", afirmou Liesbeth Kennes, que faz parte do grupo de apoio a vítimas de estupro CAW East Brabant, organizador da exposição.

"Tem até uma camiseta de uma criança com uma imagem do filme 'My Little Pony' que mostra essa dura realidade", disse. (BBC Brasil, jan.2018).

"Mulheres são heroínas que trabalham, cuidam da casa e estão sempre bonitas"

As mulheres ao longo do tempo foram colocadas no ambiente privado e os homens no público. Com as lutas elas conseguiram certo espaço na sociedade, contudo ainda o privado continua sendo responsabilidade delas. A lógica existente é a de que a mulher tem que cuidar da casa e ela pode trabalhar se quiser, mas a casa continua sendo sua responsabilidade. Na lógica machista o homem nasce e é cuidado pela mãe, quando mais velho se casa, é cuidado pela esposa e as mulheres são incentivadas pela sociedade a agir como esposa/empregada.

Felizmente, cada vez mais mulheres entram nessa luta contra o machista, que por tanto tempo as silenciou ou as ignorou.

No ano de 2017 muitas mulheres decidiram falar sobre casos de abuso sexual que sofreram, um caso brasileiro que repercutiu bastante foi do ator José Mayer que foi acusado de assédio sexual pela figurinista Su Tonani, isso ajudou na criação do movimento “Mexeu com uma, mexeu com todas”. O caso brasileiro mais atual foi do cantor Naldo que foi acusado por sua esposa Ellen Cardoso. Nos Estados Unidos da América as denúncias de abuso sexual começaram com o produtor Harvey Weinstein, que de tantas denúncias foi expulso do próprio estúdio, depois das mulheres acusarem Weinstein começou a campanha “Me Too”, com ela outros casos de abusos dentro do mundo dos famosos foram divulgados.

No Globo de Ouro 2018, as atrizes americanas foram vestidas de preto com objetivo de denunciar o assédio sexual que as mulheres de Hollywood sofreram e sofrem.

As candidatas a Miss Peru 2018 protestaram contra a violência de gênero e os feminicídios durante o concurso de beleza. No momento de falarem as medidas do corpo, elas revelaram dados sobre a violência física e psicológica sofridos pelas mulheres, abuso sexual, assédio, exploração sexual, entre outros.

A Arábia Saudita era o único país, na atualidade, onde as mulheres eram proibidas de dirigir automóveis. Em 2017 elas finalmente conseguiram permissão para dirigir. Um clérigo saudita fez uma declaração que gerou polêmica referente ao motivo

que as mulheres não poderiam dirigir: "não merecem dirigir porque só têm um quarto de cérebro". (G1, 2017)

No Irã, também em 2017, teve início uma campanha que desafia a lei que força as mulheres usarem véus. As mulheres tiravam fotos e faziam vídeos sem véu e divulgavam. Esse é um movimento online que tem a intenção de criticar a imposição de vestimenta feminina.

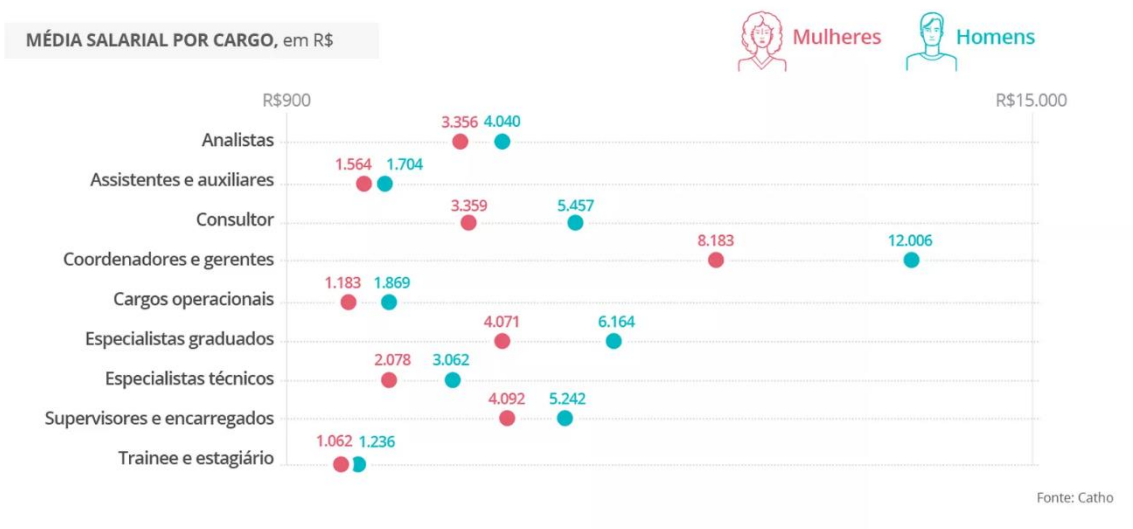
CONCLUSÃO

A terceira onda, que é a atual, tem mais um discurso de inclusão, com o objetivo de trazer à sociedade o fato de que há diferenças entre os sexos e que podemos a partir das diferenças afirmar uma igualdade. Contudo, as mulheres têm vivido mais uma integração social, do que uma inclusão social de fato, pois ainda existe na atualidade um olhar que parte da afirmação da diferença entre homens e mulheres, mas que tenta anular as diferenças e impor uma igualdade desconsiderando a diferença. Por mais que o pensamento tenha mudado, a forma de viver tem características da primeira e da segunda ondas.

A primeira onda possuía um maior foco nas questões políticas e trabalhistas (BEDIN, 2015). Hoje em dia, por mais que as mulheres tenham entrando para mercado de trabalho, elas ainda precisam lutar pela igualdade salarial, pois a mulher exercendo a mesma função que o homem, ela costuma ganhar menos. Foi realizada uma pesquisa salarial pela Catho em 2017, que mostra essa diferença salarial entre os sexos:

Desigualdade de salários

Pesquisa da Catho mostra que empresas pagam menos para mulheres em todos os cargos



Já na segunda onda, uma das lutas foi pelo direito ao corpo (BEDIN, 2015). No Brasil a mulher já não tem total direito ao corpo; o aborto só é permitido se a gravidez apresentar risco para a gestante, na ocorrência de estupro e se o feto for anencefálico. A PEC 181/2015 retira o direito da interrupção da gravidez em todos os casos, ou seja,

toma da mulher o direito legal do seu próprio corpo. Nesse período do movimento feminista houve a defesa da liberdade do sexo feminino, que algo desde esse momento e até hoje vem sendo lutado, uma das liberdades é ao direito da mulher não ter que casar, ter filhos e não ser julgada ou diminuída socialmente por estes motivos. Houve nesse momento a solicitação de que as características femininas fossem reconhecidas e protegidas, mas como mostra esse trabalho, só recentemente que vários casos de abuso em famosos foram denunciados, tantos casos atuais como muito antigos.

A última onda do feminismo reconhece que as mulheres não são todas iguais e não sofrem da mesma forma. Com isso marca a necessidade de dar voz às mulheres excluídas anteriormente como, por exemplo, a mulher negra, as lésbicas e trabalhadoras rurais. Essa onda vem defender as mulheres, mas dessa vez entendendo que elas não são todas iguais (BEDIN, 2015).

Como pudemos perceber, vivemos um momento interparadigmático, com presença das “ondas” anteriores do movimento feminista, na atualidade, associada ao machismo. É importante percebermos tal momento para que não haja uma crença somente em conquistas, avanços, mas na necessidade de lutas que partam, como afirma Boaventura de Souza Santos, (...) *de uma igualdade que reconheça as diferenças e de uma diferença que não produza, alimente ou reproduza as desigualdades*”.

REFERÊNCIAS

BAIROS, Luiza. **Entenda por que as celebridades estão de preto no tapete vermelho do Globo de Ouro**. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/ela/gente/comportamento/entenda-por-que-as-celebridades-estao-de-preto-no-tapete-vermelho-do-globo-de-ouro-22263814>>. Acesso em: 28 Jan. 2018.

BEDIN, Gilmar Antonio, CITTADINO, Gisele Guimarães e ARAÚJO, Florivaldo Dutra(Orgs.). **Poder, cidadania e desenvolvimento no estado democrático de direito**. Florianópolis: CONPEDI, 2015.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2002.

COSTA et al. - **Relações de Gênero e Poder: tecendo caminhos para a desconstrução da Subordinação Feminina**. Relatório da Conferência *proferida no 17º Encontro Nacional da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre a Mulher e Relações de Gênero, 2012*.

DAMÁSIO, António. **O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano**. Editora Companhia das Letras, 2012.

DaMATTA, Roberto. **A casa e a Rua: espaço, cidadania, mulher e a morte no Brasil**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

FORMIGA, Nilton Soares. Diferença de gênero nos antecedentes das emoções de raiva, alegria e tristeza. **Revista Científica Eletrônica de Psicologia**, 4 (6), 2006. p. 1-16.

FOUCAULT, Michel. **Os anormais**: Curso dado no Collège de France (1974-1975). São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FRANCISCO, Renata de Souza. Tornando o invisível visível: um olhar panorâmico sobre a dominação masculina, machismo e a criação do “próprio” para mulheres. **Humanas Sociais & Aplicadas**, v. 4, n. 11, 2014.p. 25-36.

FROTA, Ana Maria Monte Coelho. Diferentes concepções da infância e adolescência: a importância da historicidade para sua construção. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 7, n. 1, 2007.p. 144-157.

G1. **Rei autoriza mulheres a obterem licença para dirigir na Arábia Saudita.** Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/rei-autoriza-mulheres-a-obterem-licenca-para-dirigir-na-arabia-saudita.ghtml>>. Acesso em 27 Jan. 2018.

GUEDES, Vanessa. **7 mitos machistas que eu e você reproduzimos.** Disponível em: <<https://papodehomem.com.br/7-mitos-machistas-que-eu-e-voce-reproduzimos>>. Acesso em: 28 Jan. 2018.

HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX, In.: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano.** Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 37-130.

HATAM, Nassim. **A campanha que faz mulheres iranianas desafiarem a lei e tirarem seus véus.** Disponível em: <<http://www.bbc.com/portuguese/salasocial-40269193>>. Acesso em: 27 Jan. 2018.

INSTITUTO HOFFMAN. **Entenda a influência da infância na vida adulta.** Disponível em: <<https://blog.institutohoffman.com.br/entenda-a-influencia-da-infancia-na-vida-adulta/>>. Acesso em: 28 Jan. 2018.

JORDÃO, Vivian. **5 jeitos de desconstruir a criação machista dos filhos.** Disponível em: <http://www.huffpostbrasil.com/2017/08/04/5-jeitos-de-desconstruir-a-criacao-machista-dos-filhos_a_23065449/>. Acesso em: 28 Jan. 2018.

JUSBRASIL. **Aborto – O que diz a lei.** Disponível em: <<https://examedaoab.jusbrasil.com.br/artigos/414535657/aborto-o-que-diz-a-lei>>. Acesso em: 01 Jan. 2018.

KOMETANI, Pâmela G1. **Mulheres ganham menos do que os homens em todos os cargos, diz pesquisa.** Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/concursos-e-emprego/noticia/mulheres-ganham-menos-do-que-os-homens-em-todos-os-cargos-diz-pesquisa.ghtml>>. Acesso em 02 Jan. 2018.

LÈVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural**. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

MATOS, Marlise. Movimento e Teoria Feminista: é possível reconstruir a teoria feminista a partir do Sul global?. **Revista de sociologia e política**, v. 18, n. 36, 2010.

MEDRADO, Benedito *et al.* Reflexões irônicas sobre gestão pública dos homens na saúde: entre a disciplina e a positividade do risco. In.: MEDRADO, Benedito *et al.* **Homens e masculinidades: práticas de intimidade e políticas públicas**. Recife: Instituto Papai, 2010. p. 53-78.

NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Sílvia Helena. Metodologias feministas e estudos de gênero: articulando pesquisa, clínica e política. **Psicologia em estudo**, v. 11, n. 3, p. 647-654, 2006.

OLIVEIRA, Tory. **Câmara analisa PEC 181. Entenda seus impactos sobre o aborto no Brasil**. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/politica/camara-vota-pec-181-entenda-seus-impactos-sobre-o-aborto-no-brasil>>. Acesso em: 01 Jan. 2018.

ORTNER, S. B. Está a mulher para o homem assim como a natureza para a cultura? In: ROSALDO, M. Z. & LAMPHERE, L. (Org.). **A mulher, a cultura e a sociedade**. Tradução de C. Ankier & R. Gorenstein. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p.95-121

REZENDE, Claudia Barcellos & COELHO, Maria Cláudia. **Antropologia das emoções**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2010.

SANTOS, Dany. **30 frases machistas que tentam te controlar e você não percebe**. Disponível em: <http://www.huffpostbrasil.com/dany-santos/30-frases-machistas-que-tentam-te-controlar-e-voce-nao-percebe_a_21697494/>. Acesso em: 05 Jan. 2018.

SILVA, Erika Bomfim da. **Romantização do relacionamento abusivo e as diferentes formas de abuso**. Disponível em: <<http://revistagabrielle.com.br/index.php/2017/05/16/romantizacao-relacionamento-abusivo/>>. Acesso em: 29 Jan. 2018.

STELLMANN, Renata. **A masculinidade na clínica**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós Graduação em Psicologia Clínica. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

XAVIER, Aline. **4 Frases machistas que as pessoas precisam parar de reproduzir no dia a dia.** Disponível em: <<https://superela.com/2015/04/06/4-frases-machistas-que-as-pessoas-precisam-parar-de-reproduzir-no-dia-a-dia/>>. Acesso em: 05 Jan. 2018.